

NOTAS: TENTANDO OUVIR-ME EM
SÉRGIO SAMPAIO NOS ANOS SETENTA *

para Adolfo, Gazu e João Moraes – tempos

Wilberth Claython F. Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Aproximações entre a obra musical do compositor capixaba Sérgio Sampaio e a Poesia Marginal, em especial a partir de aspectos temáticos comuns a ambos, como as drogas, a loucura, a morte, a repressão ditatorial, o amor e a solidão.

Palavras-chave: Sérgio Sampaio; Poesia marginal; Canção.

(...) não é possível, num texto, distinguir até o fim, e
exaustivamente, a personagem, o narrador e o autor.
Há um nível de toda a escrita onde não se pode deci-
dir *quem fala*.

Roland Barthes

Nos negros verdes anos 70, enquanto Sérgio Sampaio se lançava no mundo com seus vinte e tantos, eu jazia minha adolescência na nossa pequena (*sic*) Cachoeiro. Quando, em 1978, de lá saí para o Rio de Janeiro, Sérgio já se registrara nos *long-plays* *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das dez* (1971), com Raul Seixas, Míriam Batucada e Edy Star, *Eu quero é botar meu bloco na rua* (1973) e *Tem que acontecer* (1976). Tendo já acontecido, “publica” seu último LP – *Sinceramente*, de 1982. Neste ano, eu ingressava no curso de Letras da Uerj. Dando um salto em tantas datas, em 1993 passei a lecionar literatura aqui na Ufes, retornando, quinze anos depois, ao estado do Espírito Santo – meu destino, definitivamente, tem cara capixaba. Assisti, então, a dois

shows do artista, no antigo Cineteatro Metrópolis e na extinta casa de espetáculos chamada Bordel. Em 1994, o cantor falece, aos 47 anos, de “pancreartite”. Faz, agora, em 2004, portanto, 10 anos que se foi, na frente, juntar-se a Torquato e Leminski, e esperar Raul, e os do bloco de Waly e de Itamar, e certos “velhos bandidos” que ainda insistem.

Feitos os registros afetivos, quero – para celebrar a presença de Sérgio Sampaio – sintetizar alguns poucos dos muitos tópicos que a sua curtíssima produção artística em mim provoca. Primeiramente, como ponto teórico, a) pensar o papel (epa!) que a droga exerce no artista enquanto drogado; daí, b) propor um quadro de temas e recursos comuns entre o cancionário de Sérgio e a lírica de seus contemporâneos ditos poetas marginais.

Em brilhante ensaio intitulado “Iluminações profanas (poetas, profetas, drogados)”¹, José Miguel Wisnik vincula ao “olhar visionário”, como experiência concreta, um radical deslocamento da noção temporal. Do estar *sob* a ação da droga ao discursar *sobre* os efeitos dela, em especial no campo da dicção poética, um complexo caminho se percorre. O que aproximaria poetas, videntes e drogados seria exatamente esta visão diferenciada do tempo e do espaço: “toda distância ou nenhuma”. Remontando à Grécia antiga, Wisnik recorda que o visionário, “enquanto canalizador (e formulador) da angústia e da violência social” (p. 285), é adorado e excluído, mitificado e marginalizado, sintoma e remédio das doenças e mazelas sociais – daí ser este visionário um exemplo vivo do *phármakon* platônico, um tipo de “bode expiatório”, escolhido e/mas vítima sacrificial.

Entre tantos aspectos a destacar no ensaio do também compositor Wisnik, elejo o lugar da droga como manifestação de uma tensão que assola o sujeito, cujo *ego* se constitui entre “as formas de produção social e as demandas do imaginário” (p. 289), ou seja, a droga funciona como uma espécie de força que age como desinvestimento ou hiperinvestimento deste *ego* em constante crise diante da pressão homogeneizadora que o tecido social promove sobre a singularidade subjetiva.

Após opor as experiências dos *beats* Ginsberg e Burroughs quanto à experiência com drogas – aquele, conforme o “modelo do vate xamânico e utopista”, e este, a partir de um “estado de intranscendência radical” (p. 290) –, José Miguel aponta o caráter maniqueísta que em geral se tem das drogas, seja para fazer-lhe a apologia, seja para a condenação. Para o senso comum, feito o sexo, droga ainda é tabu.

Numa perspectiva mítica, o interesse pela droga coincidiria “com o declínio das *musas* como doadoras da visão poética”; nesse caso, “a

entrada das drogas no cenário da poesia sinalizaria uma espécie de compensação – profana – pela perda daquele vestígio na obra de arte, a sua aura” (p. 291). Historicamente, no entanto, o neo-romantismo hippie (herdeiro da geração *beat*) alimenta a vontade contracultural dos anos 60 e 70, avessa à regularidade e à ordenação do tempo capitalista, firmado numa ideologia que soma desempenho e produtividade. Hoje, em suma, verificamos uma *quase* completa banalização do mundo da droga, já desinvestida de aura e transcendência, e tornada um rentável negócio pelos conglomerados do tráfico globalizado e bélico. Os belos “paraísos artificiais” de Baudelaire viraram paraísos financeiros para uns, e infernos sem saída para uns outros.

Tais questões elencadas no texto de Wisnik hão de nos servir como pano de fundo para o mapeamento sucinto da obra setentista de Sérgio Sampaio, tendo como parâmetro a produção da Poesia Marginal. Tentemos sumariar os temas recorrentes na obra do poeta-cantor, no período referido, que abrange seus três primeiros LPs, de 1971, 73 e 76, contrapontando-os com textos poéticos que lhe eram, então, contemporâneos.

1. A VIDA PIRADA

Decerto, um dos temas-chaves, desde sempre, é a presença da “vida pirada”, termo que aparece já na primeira canção – “Eta vida” – do primeiro LP, *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta Sessão das dez*, em parceria com Raul Seixas. No segundo LP, *Eu quero é botar meu bloco na rua*, registrem-se os versos “Aqui, meus olhos vermelhos / Meu rosto pregado” (de “Eu sou aquele que disse”), que podem indiciar uma espécie de estampa facial denunciadora de um certo estado de suspensão – estado que, com humor, o amigo Raul, no mesmo ano de 1973, também cantava: “Quem não tem colírio usa óculos escuros” (“Como vovó já dizia”, *O Rebu*). Mas, voltando a Sérgio, é sem dúvida a lisérgica “Viajei de trem” que dá o tom alucinógeno e pós-tropicalista do LP *Eu quero é botar...*, com citação explícita da canção “Tropicália” (de *Caetano Veloso*, 1967) ao final:

Fugi pela porta do apartamento
Nas ruas, estátuas e monumentos
O sol clareava num céu de cimento
As ruas, marchando, invadiam meu tempo

Eu viajei de trem [4x]
O ar poluído polui ao lado
A cama, a dispensa e o corredor
Sentados e sérios em volta da mesa
A grande família e o dia que passou
Viajei de trem, eu viajei de trem
Eu viajei de trem, mas eu queria
Eu viajei de trem, eu só queria...
Um aeroplano pousou em Marte
Mas eu só queria é ficar à parte
Sorrindo, distante, de fora, no escuro
Minha lucidez nem me trouxe o futuro
Viajei de trem [4x]
Queria estar perto do que não devo
E ver meu retrato em alto-relevo
Exposto, sem rosto, em grandes galerias
Cortado em pedaços, servido em fatias
Viajei de trem, eu viajei de trem
Mas eu queria [com variações]
É viajar de trem
Eu vi
Seus olhos grandes sobre mim
Eu vi
Seus olhos grandes sobre mim

Além da citação caetânica, “seus olhos grandes sobre mim” faz ver ligeira referência a um dos sintomas físicos decorrentes do consumo de cocaína – a dilatação da pupila. A visão que acomete o poeta sustenta-se, formalmente, numa técnica de colagens de imagens díspares, ao modo dadá e surreal: “as ruas, marchando, invadiam meu tempo”, “meu retrato em alto-relevo / exposto, sem rosto, em grandes galerias / cortado em pedaços, servido em fatias”.

Ainda no mesmo mote (a presença temática das drogas), ouvimos em “A luz e a semente” o canto-lamento do poeta que, romântico, vê-se sozinho num mundo que aparenta não ter-lhe guardado lugar: “eu embora seja um menino / sou mais um barco vazio / eu embora seja um menino / sou mais um gato vadio / sou mais um copo sem vinho / [...] / tropeçando bêbado pelas calçadas / [...] / olhando essas luzes que se apagam lentamente”. São versos que lembram o haicai de Alice Ruiz, da mesma época: “que viagem / ficar aqui / parada”: a contracultura, que não era contra qualquer cultura, se movia, assim, numa espécie exótica de “dança imóvel”. Cada um na sua, cada geração com seus valores: é o que se diz em “Pobre meu pai” (*Eu quero é botar meu bloco na rua*): “Hoje, meu pai / Não é uma questão de ordem ou de moral / Eu sei que posso até brincar / O meu carnaval / Mas meu coração é outro”.

2. A LOUCURA MEDIDA

A loucura, que, feito as drogas, pode alterar o curso da razão, modificando o comportamento perante a expectativa social, grassou nos idos anos setenta. Em Sérgio, nada melhor exemplifica tal situação aporética que a emblemática “Que loucura”, de 1973:

Fui internado ontem
Na cabine cento e três
Do hospício do Engenho de Dentro
Só comigo tinham dez [sic]

Estou doente do peito
Eu tô doente do coração
A minha cama já virou leito
Disseram que eu perdi a razão

Tô maluco da idéia
Guiando carro na contramão
Saí do palco e fui pra platéia
Saí da sala e fui pro porão

O tema da loucura – tão aproximado ao poeta Torquato Neto, outro *outsider* hoje cultuado, que teve seus dias de hospício registrado em *Os últimos dias de Paupéria* – em Sampaio se estende ao LP seguinte, na canção “Ninguém vive por mim” (na verdade “incluída” *a posteriori* em *Tem que acontecer*, de 1976, relançado pela Warner em 2001), em que o poeta se define como “um doido que não se situa”.

Existências de algum modo frágeis sucumbem. A loucura, às vezes sem volta – e de modo algum este foi o caso de Sérgio Sampaio –, logrou assunto a muitos poetas do período. Tome-se como exemplo o poema bem-humorado de Marçal Aquino, que sutilmente homenageia Torquato: “um dia, nos setenta”: “cheguei da rua / carregando uma maçã / e seis meses de desemprego. / li uma carta de minha mãe / fechei as janelas / a porta, a cara / deitei-me no chão / e abri o gás. / esperei. / e, somente meia hora depois, / descobri o gás cortado / por falta de pagamento. / levantei-me / e comi a maçã: / nu e louco / como o quadro da bienal.”

Mesmo “guiando carro na contramão”, ou **porque** “guiando carro na contramão”, esses quase loucos legaram às gerações seguintes o desejo sadio da rebeldia criativa, sobretudo em tempos de nhenhém como os que vivemos. Rebeldia, diga-se pela justiça, rejuvenescida em vozes como as de Cazusa e Cássia Eller, por exemplos.

3. TEMPO E MORTE

A morte, reino de Tântatos, sobrevoa os três discos setentistas de Sérgio Sampaio. Não à toa, no primeiro, o desconforto da existência impregna as canções em que participa como letrista: em “Eu acho graça”, diz-se: “tô na santa paz / tô muito tranqüilo / tô dizendo adeus”; na faixa 10, “Eu não quero dizer nada”, ouve-se: “eu preciso ir-me embora / [...] / eu queria estar por fora”. Tal sentimento de exclusão – que traz para perto a droga e a loucura – perpetua-se na primeira canção do disco seguinte, “Lero e leros e boleros”: “(...) os acordes dissonantes / estão na raiz / dos meus cabelos / no inferno / no meu sorriso de adeus / vou me fazer de moderno / no meu encontro com deus / [...] / ai, meus amigos modernos / ai, meu sorriso de adeus / vou me fazer de eterno / no meu encontro com deus”. Aqui, ecoam os famosos versos de Drummond, em *Fazendeiro do ar* (1951), revelando o leitor de literatura: “E como ficou chato ser moderno. / Agora serei eterno.”

No terceiro disco, sofisticada-se a referência à “indesejada das gentes”, numa canção em parceria com Sérgio Natureza, “Velho bode”: “Você é um fracasso / Do meu lado esquerdo do peito / Uma corda de nylon, de aço / Que arrebenta quando eu faço dó”. Esta estrofe derradeira confunde, metafórica e metafísica, várias mortes:

- de uma relação, possivelmente amorosa: “Esse bode é igual / Àquele Carnaval / Que eu passei sem você”;
- do próprio “bode”, na gíria significando “mal-estar físico e/ou psicológico por motivo de ingestão de droga”;
- por extensão, da fossa em que assim se fica: “Você foi um sucesso / Na minha vida / O meu lado do avesso / O começo da minha vertigem / A origem do meu velho nó”;
- e, enfim, a morte – o fim – da música mesma, que se encerra, em genial lance isomórfico, ao arrebentar-se a corda quando o poeta “faz dó”: “Uma corda de nylon, de aço / Que arrebenta quando eu faço dó”. Faz-se, de fato, a nota dó; canta-se a palavra “dó”; e, lembre-se, que “corda” remete a coração que, portanto, também se arrebenta quando se “faz dó”.

Naturalmente, este tema conjuminado – tempo e morte – é por demasiado complexo para tão breve abordagem. Mas, em síntese, pode-se afirmar que Sérgio, privilegiando nas letras a tradicional primeira pessoa lírica, qual Torquato em seu poema “Cogito” diria: “eu sou como eu sou / vidente / e vivo tranqüilamente / todas as horas do fim”. Amarremos, todavia, este bode, na espera de um próximo acorde.

4. A DITADURA ENCENADA

Mais visíveis e tangíveis, ainda que alegóricas, são as referências ao Brasil ditatorial. Como não ver os rastros e as ruínas da história cruel e bárbara do regime militar de médicos, quepês e catervas em versos de “Filme de terror” e de “Labirintos negros”, ambos pertencentes a *Eu quero é botar meu bloco na rua* (1973)?

Filme de terror

Hoje está passando um filme de terror
Na sessão das dez, um filme de terror
Tenho os olhos muito atentos
E os ouvidos bem abertos
Quem sair de casa agora
Deixe os filhos com os vizinhos
Dentro da folia, um filme de terror
Dura um ano inteiro, o filme de terror
E na rua, um sacrifício
No pescoço um crucifixo
Quem ousar sair de casa
Passe a tranca e feche o trinco

Labirintos negros

Algo estranho esconde a sombra
Sob os nossos pés descalços
Sobre o asfalto cedo
Na avenida larga
Os labirintos negros
Espalham nuvens cinzas
De esperança
De esperança
De esperança

Este recurso da alegoria foi bastante utilizado, sobretudo pela narrativa brasileira do período ditatorial, em contos e romances de, por exemplo, José J. Veiga (*A hora dos ruminantes*, 1966) e Érico Veríssimo (*Incidente em Antares*, 1971)². Na Poesia Marginal, poderíamos ilustrar essa estratégia do disfarce com três poemas curtos, de Charles (a), Chacal (b) e Guilherme Mandaro (c):

a
Colapso concreto

vivo agora uma agonia:
quando ando nas calçadas de copacabana
penso sempre que vai cair um troço na minha cabeça

b
passos no corredor

serão policiais ou
alunos atrasados
devido ao trânsito?

c
que não seja o *medo* da loucura
que nos obrigue a baixar
a bandeira da imaginação

A tensão que a tudo e todos contagiava passou a ser ela mesma um mote de criação, e mesmo a censura passou a funcionar, na etapa primordial da produção criativa, como um tipo de superego cultural na elaboração da obra artística. As formas são sociais, cito de memória o velho Lukács, apontando para a estreita relação entre os modos estéticos de expressão e os contextos históricos subjacentes.

5. AMOR E SOLIDÃO

Se drogas, repressão, censura, loucura e suicídio lançam seus tentáculos, como efeito vivificador compensatório resta a tematização do amor. Aqui, qual um leque, ventitam-se as mais variadas formas de expressão. Em Sérgio Sampaio, suponho, há íntima conexão do sentimento amoroso com o tema da solidão, como se verifica na faixa-título “Tem que acontecer”, de 1976:

Não fui eu nem Deus
Não foi você nem foi ninguém
Tudo o que se ganha nessa vida
É pra perder
Tem que acontecer, tem que ser assim
Nada permanece inalterado até o fim
Se ninguém tem culpa
Não se tem condenação

Se o que ficou do grande amor
É solidão
Se um vai perder
Outro vai ganhar
É assim que eu vejo a vida
E ninguém vai mudar

Embora, como se disse, a temática erótica – *lato sensu* – seja irredutível às poucas linhas que se seguem, podemos vislumbrar uma tonalidade semelhante nos poemas por exemplo, do livro *Beijo na boca*, de Cacaso:

Happy end

o meu amor e eu
nascemos um para o outro

agora só falta quem nos apresente

Lá em casa é assim

meu amor diz que me ama
mas jamais me dá um beijo

pra continuar rejeitado assim
prefiro viajar para a Europa

O que há em comum nas poéticas amorosas de Cacaso e de Sampaio é, formalmente, o uso coloquial da linguagem (espontaneísmo, oralidade, versos livres) e, tematicamente, uma incorrespondência que atrita com um certo anseio de liberdade, gerando um problemático e eufórico desbunde, como em “Até outro dia” (*Tem que acontecer*): “Quem manda em mim sou eu / Quem manda em você é você / Por isso eu quero pedir / Pra você se mandar... / Até outro dia, em outro lugar”.

Registre-se, neste item (o erótico), a extrema complexidade que se exige para o estudo do tema. Talvez – sirva isto como pista – em Sérgio o mote amoroso se dê de forma metalingüística, nem sempre em toada humorística, como na cômica “Odete” (“Você é mesmo carne de peçoço / Você é burra como não sei o quê / Eu rôo um osso desde um tempo antigo / Desde um tempo lindo / Ao conhecer você”), mas de modo predominantemente reflexivo e trágico, como em “Não tenha medo não! (Rua Moreira, 65)”, também de *Eu quero é botar meu bloco na rua* (1973):

As pessoas são uns lindos problemas
Eu posso até acreditar
Eu acho tudo isso uma grande piada
Ou então eu não posso achar
Não me espere pra beber seu veneno
E nem pra ver você chorar
Demoro o tempo que for necessário
Eu moro longe
Eu posso nem chegar
Demoro o tempo que for necessário
Eu moro longe
Eu posso não voltar

6. POESIA E VIDA, ENFIM

Para suportar o fardo de tão atribulada existência – faz-se a arte, rédea e régua. Foi como “compositor popular” que Sérgio perambulou pelos becos e bares; conheceu “carreira, dinheiro e canudo”; espalhou que “lugar de poesia é na calçada” (“Cada lugar na sua coisa”); feito um Castro Alves do século vinte, cantou que “eu tenho o dom de causar conseqüências / um ar de criar evidências” (“Cabras pastando”); sabendo que “Ninguém vive por mim”, vaticinou, torrencial: “o pior dos temporais aduba o jardim”.

Penso que as letras de Sérgio Sampaio se irmanam aos poemas da geração marginal sobretudo por um desejo – diria: romântico, pra não dizer utópico – de aproximar, à beira da indistinção, Poesia e Vida. Daí, a intensidade com que viveu a vida (valha o pleonasma), com certo sabor de acaso e de contingências, mesmo que a música e a poesia exijam controle e cálculo, como neste poema do cirrótico “bandido que sabia latim” – Paulo Leminski:

não discuto
com o destino

o que pintar

em assíno

Assim, vamos chegando ao fecho desse brevíssimo périplo, lembrando o célebre *hit* de Sérgio Sampaio, “Eu quero é botar meu bloco na rua”, de 1973, súmula de um artista que entendeu seu tempo – em particular a década de 70 cá em pauta – e fez dele, para espanto de muitos, uma festa radical de sons e sentidos, de gols, golpes e goles: “Eu quero é botar meu bloco na rua / Gingar, pra dar e vender”. Três anos depois, em *Tem que acontecer*, na canção “Velho bandido”, supostamente de timbre autobiográfico – “Eu que sou

filho de um (sam)pai(o) teimoso” –, retorna a fortíssima imagem daquele que está à margem: “É como eu fui o tal velho bandido / Vou ficar matando rato pra comer / Dançando rock pra viver / Fazendo samba pra vender... sorrindo”.

Vimos, com Wisnik, que na Grécia antiga o visionário elaborava em seu corpo as angústias de seu tempo, daí ser simultaneamente adorado e excluído, mitificado e marginalizado, sintoma e remédio das doenças e mazelas sociais. Sem precisar ir às pulsões de vida e de morte estudadas por Freud, suspeito que talvez seja o convívio radical, por dentro, com o fracasso e o sucesso, com o paraíso e o inferno, com a criação e a destruição, que faz com que nos sintamos meio órfãos desses heróicos marginais, que, parece, viveram intensamente por nós nossos desejos recalcados. Recordá-los, como agora a Sérgio Sampaio, que quis “procurar viver além de mim” (“Velho bandido”), não deveria ser um alimentar-se de ingênuas nostalgias e heroicizações, mas um ter na mente que o tempo é este agora eterno. Evoé.

ANEXO: OS QUATRO DISCOS DE SÉRGIO SAMPAIO

I: 1971 - SOCIEDADE DA GRÃ-ORDEM KAVERNISTA
APRESENTA SESSÃO DAS DEZ
(com Raul Seixas, Míriam Batucada e Edy Star) (CBS)

1 Éta vida (Raul Seixas - Sergio Sampaio) Interpretação: Raul Seixas / Sergio Sampaio	Interpretação: Raul Seixas / Sergio Sampaio
2 Sessão das 10 (Raul Seixas) Interpretação: Edy Star	7 Soul tabarôa (Jocafi - Antônio Carlos) Interpretação: Míriam Batucada
3 Eu vou botar pra ferver (Raul Seixas) Interpretação: Raul Seixas / Sergio Sampaio	8 Todo mundo está feliz (Sergio Sampaio) Interpretação: Sergio Sampaio
4 Eu acho graça (Sergio Sampaio) Interpretação: Sergio Sampaio	9 Aos trancos e barrancos (Raul Seixas) Interpretação: Raul Seixas
5 Chorinho inconseqüente (Erivaldo Santos - Sergio Sampaio) Interpretação: Míriam Batucada	10 Eu não quero dizer nada (Sergio Sampaio) Interpretação: Edy Star
6 Quero ir (Raul Seixas - Sergio Sampaio)	11 Dr. Paxeco (Raul Seixas) Interpretação: Raul Seixas
	12 Finale (Vinheta)

II: 1973 - EU QUERO É BOTAR MEU BLOCO NA RUA
(Phonogram)

- | | |
|-----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 1 Lero e leros e boleros
(Sergio Sampaio) | 7 Viajei de trem
(Sergio Sampaio) |
| 2 Filme de terror
(Sergio Sampaio) | 8 Não tenha medo não! (Rua Moreira, 65)
(Sergio Sampaio) |
| 3 Cala a boca Zebedeu
(Raul Sampaio) | 9 Dona Maria de Lourdes
(Sergio Sampaio) |
| 4 Pobre meu pai
(Sergio Sampaio) | 10 Odete
(Sergio Sampaio) |
| 5 Labirintos negros
(Sergio Sampaio) | 11 Eu quero é botar meu bloco na rua
(Sergio Sampaio) |
| 6 Eu sou aquele que disse
(Sergio Sampaio) | 12 Raulzito Seixas
(Sergio Sampaio) |

III: 1976 - TEM QUE ACONTECER
(Continental) [Relançado pela Warner, em 2001, com + 2 músicas de
bônus, de compactos antigos]

- | | |
|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| 1 Até outro dia
(Sergio Sampaio) | 8 Quanto mais
(Sergio Sampaio) |
| 2 Que loucura
(Sergio Sampaio) | 9 Tem que acontecer
(Sergio Sampaio) |
| 3 Cada lugar na sua coisa
(Sergio Sampaio) | 10 Quatro paredes
(Eduardo Marques) |
| 4 Cabras pastando
(Sergio Sampaio) | 11 O filho do ovo
(Sergio Sampaio) |
| 5 Velho bode
(Sergio Natureza - Sergio Sampaio) | 12 Velho bandido
(Sergio Sampaio) |
| 6 O que pintá, pintô
(Raul Sampaio) | [13 O teto da minha casa
(Sergio Sampaio – Sérgio Natureza)] |
| 7 A luz e a semente
(Sergio Sampaio) | 14 Ninguém vive por mim
(Sergio Sampaio)] |

IV: 1982 - SINCERAMENTE
(Gravina)

1 Homem de trinta (Sergio Sampaio)	(Sergio Sampaio)
2 Na captura (Sergio Sampaio)	7 Cabra cega (Sergio Natureza - Sergio Sampaio)
3 Tolo fui eu (Sergio Sampaio)	8 Sinceramente (Sergio Sampaio)
4 Só para o seu coração (Sergio Sampaio)	9 Nem assim (Sergio Sampaio)
5 Essa tal de mentira (Sergio Sampaio)	10 Doce melodia (Sergio Sampaio)
6 Meu filho, minha filha	11 Faixa seis (Sergio Sampaio)

* Texto apresentado no evento “Sérgios Sampaio, ensaios: situações de um compositor sem lugar” (UFES, 12/11/2004).

